



UNISO CIÊNCIA



CONHECIMENTO A SERVIÇO DA COMUNIDADE • EDIÇÃO Nº 05 • ISSN: 2595-0916 • 14/10/2018

PESQUISA ANALISA MENSAGENS DO GRUPO CIBERATIVISTA ANONYMOUS NO BRASIL



Foto: Paulo Ribeiro

• PÁG 04 •

**PESQUISADORA DEBATE
O ESPAÇO E O TEMPO DA ARTE NA ESCOLA**

• PÁG 02 •

**ESTUDO ENSINA MÉDICOS A APLICAR
PRODUTOS DE PREENCHIMENTO DÉRMICO FACIAL**

• PÁG 06 •

**A RELAÇÃO ENTRE BELEZA FEMININA
E REALIZAÇÃO PESSOAL NO DISCURSO MIDIÁTICO**

• PÁG 08 •

EDITORIAL

A quinta edição do Uniso Ciência chega aos leitores em um momento muito especial para a Uniso. Após a avaliação de credenciamento institucional feita MEC, em setembro, fomos contemplados com a nota 5, que nos torna a única universidade da Região, incluindo as públicas, a obter a nota máxima nesse tipo de avaliação. E esse resultado nos projeta não apenas no âmbito regional: No Estado, somos apenas cinco das 38 universidades, dentre as privadas, comunitárias e públicas, a ter esse conceito. No Brasil, somos 22, de um total de 201 universidades.

Várias dimensões da política e da gestão acadêmica da Uniso foram avaliadas e se refletiram nesse resultado, dentre elas, a pesquisa e a inovação, que são as bases do Uniso Ciência, projeto que está completando um ano neste mês de outubro, em parceria com o Jornal Cruzeiro do Sul. Outra conquista, que certamente irá impactar na pesquisa, é a recente aprovação do nosso Doutorado em Comunicação e Cultura.

Para elaborar esta edição, fizemos uma enquete online e o tema mais votado foi “Comunicação e violência: uma jornada pela linguagem audiovisual do Anonymus”, com quase 70% das 991 respostas. As outras reportagens abordam relação entre beleza feminina e relação pessoal, a partir de uma análise de uma revista brasileira; o espaço e o tempo da arte no cotidiano escolar; e um estudo sobre preenchimento dérmico facial com produtos à base de ácido hialurônico.

Boa leitura!

Prof. Dr. Rogério Augusto Profeta
Reitor

Prof. Dr. Fernando de Sá Del Fiol
**Pró-Reitor de Graduação
e Assuntos Estudantis**

Prof. Dr. José Martins de Oliveira Júnior
**Pró-Reitor de Pós-Graduação,
Pesquisa, Extensão e Inovação**

EXPEDIENTE

Uniso Ciência é uma publicação da Universidade de Sorocaba.

Reitoria: Prof. Dr. Rogério Augusto Profeta (Reitor), Prof. Dr. Fernando de Sá Del Fiol (Pró-Reitor de Graduação e Assuntos Estudantis) e Prof. Dr. José Martins de Oliveira Júnior (Pró-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Inovação).

Coordenação: Assessoria de Comunicação Social (Assecs) / Jornalista responsável: Mônica Cristina Ribeiro Gomes (MTB 27.877).

Equipe: Prof. Me. Guilherme Profeta e Prof. Me. Marcel Stefano Tavares Marques da Silva (Reportagens), Daniele da Silva Coimbra (Diagramação), Paula Rafael Gonzalez Valelongo (Revisão).

Conselho Editorial: Prof. Me. Adilson Aparecido Spim, Profa. Dra. Denise Lemos Gomes, Prof. Me. Edgar Robles Tardelli, Profa. Ma. Mônica Cristina Ribeiro Gomes e Prof. Dr. Nobel Penteado de Freitas.

Informações: ciencia@uniso.br
(15) 2101.7006/7081 | uniso.br

PESQUISADORA DEBATE

O ESPAÇO E O TEMPO DA ARTE NA ESCOLA



A professora Maria José Braga Falcão propôs mudanças nas aulas de Arte numa escola pública do interior de São Paulo

REPORTAGEM: Guilherme Profeta
FOTO: Paulo Ribeiro

Como interferir no espaço e no tempo instituídos para as aulas de Arte na escola? Elaborar respostas para esta questão foi o objetivo da professora Maria José Braga Falcão em sua tese de doutorado, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação

da Universidade de Sorocaba (Uniso). Depois de 30 anos dedicados ao magistério — somados às suas experimentações como artista plástica —, ela prefere pensar sobre si mesma como uma “professora-artista”, uma denominação que diz muito a respeito de sua trajetória de vida.

Em sua experiência enquanto artista, ela ressalta o pensamento de Herbert Read, autor de *A Educação Pela Arte*, defendendo que a arte nasce da intimidade do indivíduo com os objetos, as pessoas e consigo mesmo. “Isso faz da necessidade de intimidade na experiência artística uma particularidade relevante no

campo da Arte, que poderia ser levada em conta nos contextos escolares”, diz ela. Não é o que acontece, contudo, no cotidiano das escolas, que costuma ser muito ruidoso e pautado pela objetividade e por etapas bem definidas.

“Ao observar a organização temporal de uma escola, é possível perceber que ela se faz de acordo com os padrões cíclicos do tempo, fundamentando-se nos relógios, nos calendários, na rotina do planejamento”, explica a pesquisadora. Na composição dos currículos, uma organização orientada pelo relógio contempla algumas disciplinas — aquelas tidas como “mais importantes” — com uma fatia de tempo maior, em detrimento daquelas tidas como desimportantes, como a própria Arte, que pode se tornar, nas palavras dela, “um corpo estranho e desajeitado”. Isso implica consequências na qualidade da experiência artística dos alunos e no enfraquecimento da prática docente.

Diante dessa questão, o projeto *Tempo de Arte: a criação enquanto ocupação do sensível* foi proposto pela professora como uma experiência possível e envolveu alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II de uma escola pública estadual do interior de São Paulo, no período letivo de 2012 e 2013. Ao mesmo tempo, o projeto serviu de substrato para a sua tese de doutorado.

“O que interessou particularmente ao meu estudo foi a possibilidade de intervir no espaço e no tempo

instituídos para as aulas de Arte na escola”, conta Falcão. “Intervir, neste caso, significa divizar vazios — tanto no espaço quanto no tempo — e inserir arte, nessas lacunas. Esse desejo encontrou ressonância no trabalho de autores dos quais me aproximei por meio da professora Maria Lúcia Amorin Soares, parceira neste estudo. A artista brasileira Brígida Baltar foi uma dessas referências; ela trabalha a delicadeza da experiência e, a partir de um olhar afetivo, propõe que transformemos os chamados ‘não lugares’ em ‘lugares’ onde a arte possa viver. Já o videoartista estadunidense Bill Viola nos propõe a desaceleração: menos informação em mais tempo, prolongando a duração da experiência.”

A desaceleração é um dos pontos entendidos pela pesquisadora como condição de aprendizagem, o que pode ser percebido num trecho de seu relato: “Eram 16h45 quando entrei na sala de aula. Por alguns instantes, observei em silêncio, apreendendo todos os detalhes daquela profusão de vozes e gestos. Uma bagunça! A agitação das crianças continuou até suas mãos tocarem a argila. Frente à massa inerte, os olhos se desviavam e as mãos projetavam-se sozinhas, à caça de descobertas. A mão vive, a mão vê. O corpo de cada criança vibra e vive. E, em meio minuto, elas estavam por inteiro dedicadas à atividade. Por que isso aconteceu? Por que, de repente, as crianças voltaram a atenção para o que estavam fazendo?”. E ela questiona: “A argila interfere na qualidade da experiência ao fazer o tempo da aula durar de outro modo?”

Nesse sentido, o projeto *Tempo de Arte: a criação enquanto ocupação do sensível* propôs um inventário de situações de aprendizagem análogas, cujos conteúdos e objetivos nutriram-se de subjetividade, sem desconsiderar a parcela de objetividade que é parte inerente do componente curricular Arte. Para isso, o Caderno do Aluno/Arte (SEE/SP) foi uma referência quanto a conteúdos, procedimentos, estratégias e avaliação.

— E para que serve tudo isso? — alguém poderia se perguntar. “Numa perspectiva utilitarista”, responde a professora, indo direto ao ponto, “a arte não serve *para nada*. Numa perspectiva utilitarista, a vida não nos permite desperdícios. Quem, nesse contexto, vai perder tempo com a arte ou com a poesia? Em certa medida, porém, nossa educação tecnocrata, movida pela razão, tem se dado conta de que a máquina não salva. O que é humano necessita de outros cuidados, o que nos impõe desafios. Nas palavras do professor Boaventura Santos, ‘os desafios, quaisquer que eles sejam, nascem sempre de perplexidades produtivas’. Nesse sentido, o projeto desenvolvido pela professora procurou enfrentar essa perplexidade, permitindo que a experiência com a Arte reagisse às circunstâncias do cotidiano de uma escola pública estadual.

“Tal experiência pode ser possível em outros contextos escolares, em que os professores de Arte possam exercitar no cotidiano os desafios que emergem da experiência, para que a Arte, preservada em sua essência, possa mediar encontros significativos com o conhecimento”, conclui a professora.

Texto elaborado com base na tese “A professora de nada”. Na consciência da ausência uma presença possível: Arte no espaço e tempo do cotidiano escolar”, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (Uniso), com orientação da professora doutora Eliete Jussara Nogueira e aprovada em 16 de dezembro de 2015. **Acesse a pesquisa:**



UNISO

UNISO
NOTA MÁXIMA NO MEC
5

VESTIBULAR 2019
1º SEMESTRE
INSCREVA-SE

Venha construir
seu futuro na Uniso.

Inscreva-se também
com sua nota do
ENEM

VESTIBULAR.UNISO.BR

COMUNICAÇÃO E VIOLÊNCIA:

UMA ANÁLISE DAS MENSAGENS DO GRUPO ANONYMOUS NO BRASIL



Antonio Souza, autor da pesquisa realizada no Mestrado em Comunicação e Cultura, e a máscara de Guy Fawkes imortalizada pela HQ V for Vendetta

Olhos vazados sob sobranceiras arqueadas. Na boca, a sugestão de um sorriso imóvel, emoldurado por bigode, cavanhaque e bochechas rosadas. A máscara, representando o insurgente Guy Fawkes — com certa licença poética, uma espécie de Tiradentes da Inglaterra —, foi imortalizada pela *graphic novel* *V for Vendetta*, da década de 1980, de autoria de Alan Moore e David Lloyd. Você certamente já a viu em protestos diversos: de *Occupy Wall Street* à Primavera Árabe e às manifestações brasileiras de junho de 2013. Em vídeos na internet, em que ela é vestida por ciberativistas não identificados, vestidos de capuz preto e falando por meio de uma voz robótica, a máscara — ou a ideia por trás dela — identifica um grupo que dela se apropriou. Grupo esse que é conhecido simplesmente como *Anonymous* (em português, Anônimo).

Em sua pesquisa de mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso), Antonio Souza procurou compreender como a violência se configura nos vídeos divulgados *online* por esse grupo e quais sentidos essa violência produz. “A relevância desta pesquisa reside justamente na importância do debate sobre a relação entre comunicação e violência, uma tensão que é característica — até sintomática — desta época em que vivemos”, defende o pesquisador.

Souza se apoia no sociólogo francês Michel Maffesoli para tratar dos laços sociais contemporâneos, que não mais se baseiam necessariamente na territorialidade, mas no sentir comum. Esses laços que geram as “tribos” contemporâneas, segundo o autor, extrapolam os velhos contratos sociais tradicionais. “O espaço simbólico engendra um novo tipo de territorialidade não mais ligada ao espaço físico. Posso não ter nada a ver com meu vizinho, mas ter uma camaradagem muito grande pelo amigo que mora em outro país e com o qual converso por causa da paixão por um mesmo estilo de música”, exemplifica Souza. O *Anonymous* é outro exemplo

desse tipo de organização social contemporânea, que tem como espaço de mobilização a internet. No caso do *Anonymous*, o pesquisador acredita que a amálgama que une os seus participantes — ou, em suas palavras, “o cimento social que unifica a tribo em questão” ou “a linha que costura o tecido social desde a organização dos sujeitos até a produção de mensagens divulgadas na rede mundial” — é a violência.

“Manifestações populares são acusadas de violentas. Mas, sob o ponto de vista do sociólogo esloveno Slavoj Žižek, essas manifestações são na verdade reações a violências constantemente sofridas, invisíveis e normatizadas, que são chamadas por outros nomes”, informa Souza. “No caso do *Anonymous*, a violência opera como um vetor de sociabilidade. A violência sistêmica — a violência do exercício do poder político e econômico — mobiliza hackers, que usam seus conhecimentos para combatê-la. A violência exterior, vinda de um ‘inimigo comum’, serve para reunir pessoas que resolveram agir, tomar uma atitude. Esse desejo de ‘justiça’, de não mais tolerar passivamente, vem de uma indignação, de uma raiva, de uma frustração, do desejo de se posicionar, que se manifesta numa violência exercida coletivamente — uma violência rebelde, uma resistência —, sob um símbolo, um mito contemporâneo, cuja entidade audiovisual dá meios expressivos a todos aqueles que se unem à causa.”

Na etapa de análise, dentre as opções que na época estavam disponíveis no canal do grupo *Anonymous* no Brasil, na plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube*, Souza optou por dois vídeos: #OBoicoteaCopa e #OpOlympicHackingCup. Ambos foram escolhidos por um critério temático, referindo-se às reações do grupo a dois eventos de relevância internacional sediados no Brasil, a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. O contexto político de cada um desses vídeos também foi levado em consideração: em 2014, ainda se sentia o impacto das Jornadas de Junho de 2013, a Operação Lava Jato começava a ganhar espaço nos noticiários e crescia a oposição ao governo da presidente Dilma Rousseff; em 2016, o Brasil passava por uma intensa crise econômica e política, especialmente enquanto transitava o processo de impeachment da então presidente. Ambos os eventos, tanto a Copa quanto as Olimpíadas, enfrentaram grande resistência por parte da população.

“Em ambos os vídeos, o *Anonymous* busca expor os efeitos da violência sistêmica, mostrando os danos causados à sociedade brasileira. A exposição dessa violência revela outro aspecto do grupo: eles sempre buscam trazer ao olhar público as ‘verdades secretas’. O *Anonymous*, como se fosse um detentor desse conhecimento oculto, toma para si a responsabilidade de compartilhá-lo”, expõe Souza. Em sua análise, ele notou que a relação entre o que é visível e o que é invisível é muito presente no discurso do grupo — a começar pela própria questão da identidade preservada. Além disso, ele considera também digno de nota a forma como o grupo se apropria de elementos que remetem ao jornalismo televisivo e à propaganda em suas mensagens. “Em suma, os vídeos são a materialização do discurso do grupo, da ideia que o sustenta articulada em linguagem audiovisual. É uma forma de resistência que emprega uma violência contra a violência sistêmica a que Žižek se refere”, conclui o pesquisador.

Para a professora doutora Luciana Coutinho Pagliarini de Souza, orientadora da pesquisa, os resultados do trabalho revelam, por meio da análise semiótica verbo-visual, diferentes formas de violência que se digladiam. Mas ela deixa uma ressalva: “Não há juízo de valor nesse embate, nem se busca justificar qualquer forma de violência. A ideia foi mapeá-la, de modo a refletir sobre o potencial de sentidos inscrito na materialidade dos vídeos produzidos pelos brasileiros do *Anonymous*.”

Texto elaborado com base na dissertação “Comunicação e violência: uma jornada pela linguagem audiovisual do *Anonymous*”, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso), com orientação da professora doutora Luciana Coutinho Pagliarini de Souza e aprovada em 20 de fevereiro de 2017. **Acesse a pesquisa:**



ESTUDO ENSINA MÉDICOS

A APLICAR PRODUTOS DE PREENCHIMENTO DÉRMICO FACIAL



O médico e pesquisador Rogério Ruiz analisou mais de 270 pacientes em uma clínica de cirurgia plástica para realizar o estudo

REPORTAGEM / FOTO: Marcel Stefano

Com a popularização das cirurgias plásticas e dos procedimentos menos invasivos em busca do corpo perfeito, um problema surgiu nesta área da estética: a falta de treinamento dos profissionais médicos que atuam nessa área e não conseguem se aprofundar em todos os tipos de produtos que surgem no mercado. E foi para sanar

parte desse problema que o médico, especialista em cirurgia plástica, Rogério de Oliveira Ruiz desenvolveu uma metodologia de ensino para explicar tanto a médicos novos como aos mais experientes sobre as técnicas e os produtos disponíveis para o preenchimento facial, focando nos produtos à base de ácido hialurônico (AH). Essa metodologia foi pesquisada durante seu mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas da Universidade de Sorocaba (Uniso) e virou a dissertação “Preenchimento dérmico facial com produto à base de ácido hialurônico –

metodologia para ensino médico”.

Desde a antiguidade, o rosto das pessoas já era curiosamente observado na tentativa de estudar para equalizar as partes da face e tentar chegar àquilo que se acreditava ser o belo. Desde o Renascimento, quando a proporção áurea era usada para dividir o rosto humano em quadrantes e fórmulas matemáticas, aos dias de hoje, os avanços nessa área da estética foram muitos. Melhoraram as técnicas médicas e também avançaram os conhecimentos sobre as drogas à disposição de novos tratamentos.

Dentre eles, o ácido hialurônico, que é um polímero, polissacarídeo que tem participação na proliferação de fibroblastos e na maturação das fibras colágenas. É um produto não imunogênico, tendo estrutura semelhante em todas as espécies vivas, o que dispensa, portanto, seu uso de testes prévios de alergia.

Ruiz analisou um universo de 279 pacientes atendidos em uma clínica de cirurgia plástica, de 2007 a 2010, sendo 92 homens e 187 mulheres. Desses, elencou 44 casos cujo problema facial era a presença de rugas estáticas, classificadas no estudo pela escala de Glogau modificado de grau 3.

Tecnicamente falando, a classificação Glogau (que faz referência ao professor de dermatologia Richard Glogau, da Universidade da Califórnia) é uma escala de avaliação de fotoenvelhecimento. Enquadram-se, nessa escala, pacientes acima de 50 anos com rugas visíveis, mesmo na ausência de movimentação facial, com presença de manchas senis, microvasos aparentes e manchas escamosas de pele seca. No estudo, porém, a escala teve seu nome alterado para Glogau modificado, pois incluiu homens, o que a classificação Glogau original não previa. “O uso da classificação original de Glogau (...) trouxe dificuldades na inclusão dos pacientes, uma vez que o trabalho original de Richard Glogau observa o uso de maquiagem e delimita faixas etárias estanques, o que impossibilita seu uso em pacientes do sexo masculino e torna difícil a definição do grau de envelhecimento em algumas pacientes do sexo feminino.”

Na dissertação, utilizando de fotografias, o pesquisador apresenta em quais linhas da face e camadas dermatológica o AH deve ser aplicado. Depois, com fotografias de antes e depois da aplicação, apresenta o resultado de acompanhamento dos pacientes, que, após o desenvolvimento das técnicas, apresentaram redução de intercorrências. “(...) Com o aprimoramento profissional do aplicador do AH, devido à evolução das técnicas de preenchimento, houve uma diminuição da incidência de efeitos adversos de 62,5% para 7,62%”, nos anos 2007 e 2010, respectivamente.

Na elaboração das aulas, o pesquisador dividiu o ensinamento em duas fases: aulas básicas e avançadas. Na básica, para médicos com menos experiência na área, houve um maior empenho em discutir a anatomia facial, os planos de aplicação dérmicos e as características dos produtos usados. Por sua vez, nas aulas avançadas, como os médicos alunos já possuem mais esses conhecimentos, foi “possível a abrangência de um número maior de regiões faciais passíveis da realização de preenchimento dérmico.”

Ruiz defende a pesquisa argumentando que “a quantidade de produtos de AH puros, com adição de anestésicos ou açúcares (manitol), ofertada no mercado pelas indústrias, levanta dúvidas e por vezes resulta em confusão para os médicos que não possuem conhecimento das características de cada apresentação. Essa gama de produtos

acaba dificultando o médico iniciante, e até mesmo os médicos com certa experiência, uma vez que é necessário conhecimento das características físico-químicas e reológicas de cada apresentação do preenchedor para a indicação precisa. Por vezes, as diferenças são sutis, o que pode levar a erros de indicação com perda de produto ou resultados insatisfatórios, com aumento de riscos e custos para o médico e para o paciente.”

Na conclusão de sua pesquisa, Ruiz acrescenta que “a incorporação de recursos de mídia recentes, assim como a edição de vídeos e animações, são instrumentos valiosos, que podem tornar o ensino mais agradável aos médicos discentes e o treinamento teórico mais dinâmico. Diante da oferta cada vez maior de novos preenchedores dérmicos à base de ácido hialurônico ou de novos polímeros (...), o aperfeiçoamento do ensino das técnicas e particularidades sobre a terapêutica, para os médicos iniciantes, e de atualizações, para os médicos atuantes na área, deve ser um exercício constante.”

Em um país que já foi o maior realizador de cirurgias plásticas no mundo e atualmente ocupa a segunda colocação do ranking mundial, dá para se imaginar que é alta a demanda por esse tipo de procedimento, pois o brasileiro se importa bastante com a aparência. A demanda aquecida abre espaço para o surgimento de novos produtos e de novos médicos interessados em atuar neste mercado. E nada melhor ao paciente, quando for passar por um procedimento médico nesta área, do que ter a certeza que seu médico recebeu treinamento no mesmo ritmo de desenvolvimento de novos produtos e técnicas.

Texto elaborado com base na dissertação “Preenchimento dérmico facial com produto à base de Ácido Hialurônico – Metodologia para ensino médico”, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas da Universidade de Sorocaba (Uniso), com orientação da professora doutora Marli Gerenutti e aprovada em 13 de junho de 2013. **Acesse a pesquisa:**

MESTRADOS E DOUTORADOS UNISO

- [X] Mestrado e Doutorado em Comunicação e Cultura
- [X] Mestrado e Doutorado em Ciências Farmacêuticas
- [X] Mestrado e Doutorado em Educação
- [X] Mestrado Profissional em Processos Tecnológicos e Ambientais



UNISO



CORPO DOCENTE
QUALIFICADO

RECOMENDADO PELA
CAPES/ MEC

Saiba mais em:
POSGRADUACAO.UNISO.BR



PESQUISA INVESTIGA RELAÇÃO ENTRE BELEZA FEMININA E REALIZAÇÃO PESSOAL NO DISCURSO MIDIÁTICO

REPORTAGEM: Guilherme Profeta
FOTO: Paulo Ribeiro

Depois de mais de vinte anos de atuação no mercado da beleza feminina, a professora Walkiria Firmo Ferraz, da Graduação em Estética e Cosmética da Universidade de Sorocaba (Uniso), ainda sentia um desconforto: a percepção de que, mesmo atualmente, muitas mulheres a abordam motivadas por influência das mídias.

“Nós, mulheres do século XXI, vivemos hoje o efeito das conquistas alcançadas através dos tempos: o reconhecimento de nosso papel na sociedade como mais do que cuidadoras — ou mesmo procriadoras. Do período pós-pílula à conquista de espaços no campo profissional, nós ampliamos nossas possibilidades de exercer a cidadania. Contudo, o nosso gênero ainda parece conviver com outro tipo de amarra: a cobrança, da sociedade e de si mesma, de se adequar a um padrão de beleza que é sugerido e reforçado diuturnamente pela mídia, em especial pelas revistas femininas”, afirma Ferraz.

A pesquisadora reconhece que os homens, hoje mais do que antigamente, também são cobrados por cuidados relacionados à aparência, mas enfatiza: “tal cobrança está longe de se equiparar às exigências feitas ao gênero feminino. Em parte, o crédito pela manutenção dessa desigualdade pode ser atribuído à indústria cosmética, que tem na mulher sua maior consumidora, por meio da promessa de uma jovialidade adquirida com o uso dos produtos cada vez mais poderosos e eficazes.”

Para lidar com esse desconforto e entender esse fenômeno do ponto de vista das práticas socioculturais, ela optou por analisar em sua pesquisa de mestrado, defendida em abril de 2016 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Uniso, a forma como são estruturadas as entrevistas com celebridades numa relevante revista feminina brasileira. O objetivo, conforme explica, foi lançar luz à relação entre beleza e relação pessoal



A professora Walkiria Firmo Ferraz, no laboratório do curso de graduação em Estética e Cosmética da Uniso

que publicações desse tipo parecem disseminar. Para isso, conduziu uma análise qualitativa de entrevistas publicadas entre julho e dezembro de 2015.

“Pensando-se na realização pessoal da mulher como um conjunto de vários fatores — como, por exemplo, carreira profissional, maternidade e beleza —, nota-se que a contemporaneidade redistribuiu os graus de prioridades desses fatores. Num momento em que o gênero acumula funções e precisa priorizar seus papéis, a beleza pode sim ser compreendida como uma conquista necessária para a autorrealização”, defende a pesquisadora, acrescentando que, na construção da identidade da mulher contemporânea, as revistas prescrevem “receitas” para que as leitoras possam se aproximar de determinados ideais, muitas vezes inalcançáveis, que são representados pelas celebridades.

“Ainda que a mídia impressa tenha perdido leitores nos últimos tempos, as redes sociais multiplicam e amplificam discursos. Ocorre que as próprias

revistas femininas se inserem nas mídias sociais, com suas publicações digitais e debates, e podem continuar a influenciar as mulheres em suas escolhas e percepções. A grande diferença, na minha opinião, é quão críticas as leitoras de hoje conseguem ser. Isso é não só importante, mas essencial”, conclui.

Texto elaborado com base na dissertação “Beleza feminina e realização pessoal: uma análise comunicacional na revista Claudia”, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso), com orientação da professora doutora Tarcyanie Cajueiro Santos e aprovada em 20 de abril de 2016. **Acesse a pesquisa:**

